

CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

Edwaldo Costa
(Organizador)

5



CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

Edwaldo Costa
(Organizador)

5



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Ciências humanas: política de diálogo y colaboración 5

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Edwaldo Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: política de diálogo y colaboración 5 /
Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0453-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.538220108>

1. Ciências humanas. I. Costa, Edwaldo (Organizador).

II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

El libro electrónico Ciencias humanas: Política de diálogo y colaboración 4 y 5, editado por el Atena Editora, publica artículos que presenten resultados de investigación avanzada y reflexión teórica innovadora en todas las áreas de ciencias sociales y humanas. Privilegia trabajos con potencial transdisciplinar y que contribuyan a la discusión teórica, reflexión epistemológica y conocimiento crítico de la realidad contemporánea en una escala global.

Este tercer eBook tiene por vocación posibilitar el diálogo internacional sobre los principales desafíos de la ciências humanas, desafíos que no pueden ser enfrentados sin políticas de diálogo, sin estrategias bien diseñadas y sin una decidida voluntad de acción a nivel científico. Uno de esos desafíos consiste em asegurar una educación de calidad para todos: fomentar el diálogo acadêmico internacional y hacerlo más eficaz constituye una de las estrategias clave para alcanzar este objetivo.

El debate sobre educación, inclusión, informática, síndrome de Down, competence evaluation, mathematical skills, assessment strategies, aprendizaje, ambientes, innovación, modelo suplementario, Moodle, tutor virtual, aprendizaje autorregulado, educational management, educational leadership, learning, gestión educativa, liderazgo educativo, aprendizaje, cambio conceptual, práctica, enseñanza de ciências, discapacidad, inclusión, empresa, reclutamiento, selección, maritime transport, biofouling, marine pollution, protección de datos, vinculación, técnicas de organización, prácticas curriculares, sectores de la sociedade, compasión, sentimientos, emociones, vulnerabilidad, salud, políticas educativas, labor docente, relaciones, autorrealización, estabilidad, ambiente positivo, calidad educativa, estrategias de aprendizaje, población vulnerable, práctica docente, sistematización de experiencias, investigación en educación, enseñanza teórico-práctica, ingeniería química, operaciones unitárias, cultura escolar, adobe/Earth, structures/renovation y otra, ofrece una oportunidad para reflexionar sobre la sociedad contemporánea.

Finalmente, se espera que con la diversa composición de autores, investigadores, interrogantes, problemas, puntos de vista y perspectivas, ofrezca un aporte plural y significativo a la comunidad científica y profesionales del área.

Edwaldo Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCACIÓN, TECNOLOGÍA E INCLUSIÓN – ARTICULACIÓN DE ESCENARIOS PARA UNA SOCIEDAD MEJOR PREPARADA FRENTE A LOS RIESGOS DE LAS TIC

Harold Alvarez Campos

Martha Linares Ditta


Claudia Patricia Navarro Bolívar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5382201081>

CAPÍTULO 2..... 13

EVALUACIÓN DE COMPETENCIAS MATEMÁTICAS ESPECÍFICAS: UNA MIRADA DESDE LOS FORMADORES DE PROFESORES DE EDUCACIÓN MEDIA

Alonso Quiroz Meza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5382201082>


CAPÍTULO 3..... 21

GENERANDO NUEVOS AMBIENTES A TRAVÉS DE LOS DIFERENTES ESTILOS DE APRENDIZAJE Y MODALIDADES DE FORMACIÓN

María del Rubi Olivos Contreras

Alejandro Alberto Bravo Guzmán

Alfonso Acosta Romero


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5382201083>

CAPÍTULO 4..... 28

IMPLEMENTACIÓN DE UN MODELO SUPLEMENTARIO CON INTERVENCIÓN TUTORIAL VIRTUAL EN EL IISUABJO

Laura Irene Gaytán Bohórquez

Elsa Olivia Urbieto Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5382201084>

CAPÍTULO 5..... 35

GESTIÓN Y RESULTADOS DE APRENDIZAJE EN ESCUELAS PRIMARIAS DE VERACRUZ

Gabriel D. Camacho Bojórquez

Bella Aurora Del Ángel Muedano


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5382201085>

CAPÍTULO 6..... 51

IMPORTANCIA DEL CAMBIO CONCEPTUAL EN ESTUDIANTES DE MAESTRÍA EN ENSEÑANZA DE CIENCIAS PARA MEJORAR LA PRÁCTICA DOCENTE

Adriana Elizabeth Pérez Rodríguez


Alejandro García Manilla

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5382201086>

CAPÍTULO 7..... 61

LA INSERCIÓN EN EL RECLUTAMIENTO Y SELECCIÓN DE LAS PERSONAS CON DISCAPACIDAD EN MÉXICO


Erika Emilia Cantera
Marco Antonio Luna Márquez
Mónica Castillo Moreno
Jazmín Griselda Peña Gómez
Martha Eugenia Limón Hernández

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5382201087>

CAPÍTULO 8..... 72

IMPLICACIÓN DEL TRANSPORTE MARÍTIMO EN LA CONTAMINACIÓN DE LOS MARES. DESDE EL ATLÁNTICO OESTE HASTA EL PUERTO DE GIJÓN


Verónica Soto López
Deva Menéndez Teleña
Marlene Bartolomé Sáez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5382201088>

CAPÍTULO 9..... 86

LA PROTECCIÓN DE DATOS PERSONALES EN POSESIÓN DE PARTIDOS POLÍTICOS

Ricardo Raya Aranda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5382201089>

CAPÍTULO 10..... 96

LA VINCULACIÓN DE LOS ESTUDIANTES DE PEDAGOGÍA SEA CON LOS DISTINTOS SECTORES DE LA SOCIEDAD A TRAVÉS DE LAS TÉCNICAS DE ORGANIZACIÓN


Itzel Natalia Lendechy Velázquez
Juana Velásquez Aquino
María Gutiérrez Hernández
Dinorah Arely Escudero Campos
Ricardo Manuel Martínez Bello

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53822010810>

CAPÍTULO 11..... 106

LAURA MONTOYA UPEGUI Y MARTHA NUSSBAUM: LA COMPASIÓN FRENTE A LOS EXCLUIDOS

Jenny Alexandra Gil Tobón
Luis Fernando Garcés Giraldo
Conrado Giraldo Zuluaga


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53822010811>

CAPÍTULO 12..... 117

LOS FALSOS MITOS SOBRE ABUSO SEXUAL INFANTIL Y LOS ESTUDIANTES DE MEDICINA DE LA UNIVERSIDAD DE LLEIDA

Olaya Asín Abad
María Lamana Villegas

Teresa Vallmanya Cucurull
Francesc Domingo-Salvany

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53822010812>

CAPÍTULO 13..... 119

POLÍTICAS EDUCATIVAS PARA LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS (EDJA)

Karina V. García

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53822010813>

CAPÍTULO 14..... 133

PERCEPCIÓN DEL CLIMA SOCIAL DE CLASE EN ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS
POR EL RETORNO A ESTUDIOS PRESENCIALES

Jimmy Nelson Paricahua Peralta

Edwin Gustavo Estrada Araoz

Percy Amilcar Zevallos Pollito

Libertad Velasquez Giersch

Llen Alin Meza Orue

Ignacio Paucar Meléndez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53822010814>

CAPÍTULO 15..... 146

POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCACIÓN EN COLOMBIA EN EL MARCO DEL COVID-19:
EXACERBACIÓN DE LAS DESIGUALDADES

Leonardo Alberto Mauris De la ossa

Manuel Beiro Cedeño

Blanca Patricia Domínguez Gil

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53822010815>

CAPÍTULO 16..... 162

SATISFACCIÓN POR LA FORMACIÓN RECIBIDA EN PROGRAMAS EDUCATIVOS EN
EL CAM DURANGO

Juan José Rodríguez Lares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53822010816>

CAPÍTULO 17..... 173

SISTEMATIZACIÓN DE EXPERIENCIAS EN LA DOCENCIA UNIVERSITARIA

María Elena Yáñez Romero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53822010817>


CAPÍTULO 18..... 179

TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE INVESTIGACIÓN EN LA FORMACIÓN INICIAL
DOCENTE; UN ESTUDIO DESDE LA OBSERVACIÓN Y PRÁCTICA EDUCATIVA DE
ESTUDIANTES DE 1º Y 2º SEMESTRE

Humberto Gpe. Pineda Narváez

Raúl Daniel Molina Cancino

Héctor Fabián Cruz Herrera


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53822010818>

CAPÍTULO 19..... 188

TRADITIONAL ADOBE BUILDINGS IN THE ALTO RIBATEJO REGION

Jorge Morargi dos Remédios Dias Mascarenhas

Maria de Lurdes Belgas da Costa Reis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53822010819>

CAPÍTULO 20..... 199

LA IMPORTANCIA GEOGRÁFICA Y SOCIAL DE LOS PUEBLOS MÁGICOS EN EL ESTADO DE MÉXICO A TRAVÉS DE SU PATRIMONIO CULTURAL

Fabián Baca Pérez

Fernando Carreto Bernal

Raúl González Pérez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53822010820>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 213

ÍNDICE REMISSIVO..... 214

LAURA MONTOYA UPEGUI Y MARTHA NUSSBAUM: LA COMPASIÓN FRENTE A LOS EXCLUIDOS

Data de aceite: 09/07/2022

Jenny Alexandra Gil Tobón

Institución Educativa Dinamarca
Medellín – Colombia
<https://orcid.org/0000-0002-8673-5475>

Luis Fernando Garcés Giraldo

Corporación Universitaria Americana
Medellín – Colombia
<https://orcid.org/0000-0003-3286-8704>

Conrado Giraldo Zuluaga

Universidad Pontificia Bolivariana
Medellín – Colombia
<https://orcid.org/0000-0003-1885-9158>

Capítulo resultado de la tesis doctoral titulada “Laura Montoya Upegui: una búsqueda de sentido vital desde la vulnerabilidad y la conciencia emocional en los seres humanos”. Investigación correspondiente al Doctorado en Filosofía de la Universidad Pontificia Bolivariana y de la cual es autora Jenny Alexandra Gil Tobón. Proceso dirigido por PhD. Luis Fernando Garcés Giraldo y PhD. Conrado Giraldo Zuluaga.

RESUMEN: En este proceso investigativo, se retoma a Hans-Georg Gadamer con el método hermenéutico en el que se considera la intertextualidad como relación dialógica para hacer un acercamiento a la vida y obra de la Santa Laura Montoya Upegui, instaurando el diálogo con Martha Nussbaum y así, resaltar las situaciones de vulnerabilidad social de la época. En el período histórico que le tocó vivir a la santa, los indígenas se consideraban seres

violentos y sin valor. Además de la miseria, en Colombia existían diferencias muy marcadas entre los seguidores del partido liberal y el partido conservador. Por lo tanto, estaban los ingredientes necesarios para activar procesos sangrientos en ciudades y campos. Asimismo, se instituye el asco, indicando el deseo de ocultar las señales de la propia animalidad. Teniendo en cuenta los anteriores aspectos y retomando la obra “Historia de las misericordias de Dios en un alma. Autobiografía Santa Laura Montoya”, se evidencia, como lo menciona Nussbaum, un asco proyectivo frente a las minorías. Por consiguiente, para la misionera, una de las prioridades es desarrollar, a través del ejemplo o lecciones objetivas, los sentimientos humanos y promover la compasión, antes de mostrarles las semejanzas con el cristianismo, pero desde la cercanía, viviendo con ellos y compartiendo sus mismas humillaciones.

PALABRAS CLAVE: Compasión, sentimientos, emociones y vulnerabilidad.

LAURA MONTOYA UPEGUI AND MARTHA NUSSBAUM: COMPASSION FOR THE EXCLUDED

ABSTRACT: In this investigative process, Hans-Georg Gadamer is taken up with the hermeneutic method in which intertextuality is considered as a dialogical relationship to make an approach to the life and work of Saint Laura Montoya Upegui, establishing the dialogue with Martha Nussbaum and thus highlight the situations of social vulnerability of the time. In the historical period in which the saint lived, the indigenous people were considered violent and unworthy

beings. In addition to misery, in Colombia there were very marked differences between the followers of the liberal party and the conservative party. For this reason, they established the necessary ingredients to activate bloody processes in cities and countryside. Likewise, disgust is instituted, indicating the desire to hide the signs of one's own animality. Taking into account the previous aspects and returning to the work "History of God's mercies in a soul. Autobiography Santa Laura Montoya", it is evident, as Nuusbaum mentions, a projective distaste for minorities. Therefore, for the missionary, one of the priorities is to develop, through examples or objective lessons, human feelings and promote compassion, before showing them the similarities with Christianity, but starting from closeness, living with them and sharing their same humiliations.

KEYWORDS: Compassion, feelings, emotions and vulnerability.

INTRODUCCIÓN

Frente al infortunio y todo aquello que va en contra de la tranquilidad, han surgido innumerables reflexiones filosóficas, teológicas, psicológicas, entre otras. En medio de las circunstancias incontroladas, aparecen fórmulas universales basadas en la espléndida razón. Este aspecto no es tan desfavorable, porque gracias a ello la humanidad ha llegado hasta aquí, para continuar en la búsqueda de sentido o seguir indiferente, evaluar aciertos o desaciertos, construir o deconstruir, disponer de una postura crítica o recibir de otros la idea de lo más favorable para la especie. A pesar de todo, y para algunos por beneficio de la racionalidad, el hombre sigue ocupando un espacio en el mundo y haciendo historia.

Ante esa razón protagónica que supuestamente no se desvía en el horizonte, aparece la desprestigiada emoción señalada por perderse en la divagación y el fanatismo. Inclusive, en la vida cotidiana, algunos incluyen fácilmente en el discurso la descripción de los excesos emocionales, pero difícilmente se aborda la extralimitación de la razón o el papel de las emociones en la construcción de un mundo mejor.

Por lo tanto, aunque ha sido muy conocida la trayectoria de Laura Montoya Upegui, cuando fue declarada santa (2013) aumentó el interés por investigar temas relacionados con el discurso misionero, los milagros, el multiculturalismo, la dignidad, la relación con la naturaleza, la escritura, la religiosidad popular, la opción por los pobres, la pedagogía, la fotografía, y hasta su historia clínica, entre otros. Aun así, no se ha profundizado en las emociones. En consecuencia, se hace un acercamiento al contexto político y social de la santa, instaurando el diálogo con Martha Nussbaum para resaltar las situaciones de vulnerabilidad social que no son ajenas a su vida personal y que están plasmadas en su autobiografía, descubriendo las fuerzas motivadoras frente a una sociedad injusta que necesita de la compasión humana.

CONTEXTO POLÍTICO

Históricamente se ha reflexionado sobre la dignidad humana como valor inherente

a toda persona. Ésta, tiene relación con la autoestima, la libertad, la autonomía, el reconocimiento y el respeto. Base fundamental de los derechos humanos. De estas ideas se desprenden innumerables investigaciones y tratados sobre la participación política, la inclusión en la vida comunitaria, la libre determinación y la protección contra la violencia, el abuso y la discriminación. Asunto vigente en un contexto plagado de desigualdades sociales y en el que cobra fuerza la necesidad de dirigir la mirada a la presencia de minorías étnicas que demandan ser reconocidas, pero sin que se menosprecie su diversidad cultural. Problemática que no es exclusiva de países latinoamericanos. Un ejemplo claro de agresión es lo que se ha llamado el levantamiento de Los Ángeles en 1992.¹ Los disturbios se dieron en el centro sur como resultado de una ira colectiva. La raíz del conflicto radicaba en el abuso de poder por parte de la guardia civil y las tensiones étnicas del momento por las diferencias culturales, los obstáculos lingüísticos, la desigualdad económica y el racismo entre las comunidades coreana-americanas y afrodescendientes.

Desde otro contexto, la problemática social en Colombia, a pesar de declararse en la constitución de 1991 como un Estado social de Derecho, se agudiza por la vulnerabilidad de la población, los ciclos de impunidad y violencia. En este país, es de alto riesgo defender los derechos y es constatado con las masacres y los asesinatos de líderes sociales que intentaron trabajar por una sociedad participativa, democrática y pluralista. Y aunque se han dado avances por la expansión de la digitalización y los descubrimientos en ciencia y tecnología, Colombia sigue cubierta por ese manto de pobreza, desigualdad e injusticia que afecta profundamente a los más vulnerables. Curiosamente, estas situaciones estaban presentes en el contexto histórico de Santa Laura Montoya Upegui a finales del siglo XIX y principio del siglo XX. Es como si Colombia fuera un escenario en el que se dan algunas transformaciones históricas sólo como montaje o artilugio para que las nuevas generaciones reemplacen a los antiguos personajes con la ilusión de promover un cambio, pero al final dan la impresión de terminar como víctimas o victimarios, girando con indiferencia o desaliento en torno a la injusticia y al odio, para dejar tímidamente el cuestionamiento sobre la posibilidad de evitar la normalización de la violencia y construir un mejor país.

Al profundizar en el panorama político, religioso y social de Colombia en los días de Santa Laura Montoya, el Pbro. Carlos Eduardo Mesa Gómez² destaca que la Madre vivió bajo el radicalismo anticlerical de la Convención de Rionegro (1863-1886), el gobierno del partido nacionalista, llamado de la hegemonía conservadora (1886-1930) y los gobiernos alternados de liberales y conservadores (1930 a 1949).

1 Sin embargo, el detonante se da cuando un jurado absolvió a cuatro agentes del Departamento de Policía de Los Ángeles acusados de haber hecho un uso excesivo de la fuerza en la captura de Rodney King.

2 En 1986 el padre Valentino Macca dio a conocer su opinión sobre los últimos requisitos para culminar la causa de beatificación de la madre Laura Montoya Upegui. Como relator, consideró que se debía presentar el contexto político, religioso y social de la época en que vivió la religiosa. Responsabilidad adquirida por el Pbro. Carlos E. Mesa Gómez quien presenta un documento de 15 páginas. El escrito se titula "Panorama político, religioso y social de Colombia en los días de la Madre Laura".

En el gobierno de Don Rafael Núñez (1880-1882 y 1884-1886), se identificó que Colombia, a diferencia de otros países de América del Sur, “en su adelanto era la última, a pesar de la fabulosa riqueza de su suelo y de su subsuelo”. (Congregatio pro causis sanctorum P.N.1051, 1988, p. 9) La miseria, seguía reinando en el territorio.

En 1947 aumentan las masacres entre los militantes del partido Conservador y Liberal.

El 9 de abril de 1948 Jorge Eliecer Gaitán es asesinado y se genera el “Bogotazo”. Y el 6 de mayo, del mismo año, la Iglesia católica presenta una pastoral colectiva como respuesta a los recientes acontecimientos.

Hemos hecho reiteradas advertencias contra la inmoderada exaltación de las pasiones en las luchas políticas, y hemos exhortado al equilibrio y armonía entre los diversos sectores del organismo social, que se hacen imposibles con el recrudecimiento de ambiciones antagónicas, con las incitaciones a la lucha de clases, con el excesivo adán por los intereses económicos y puramente materiales, olvidando los de orden moral y espiritual, que son más altos y más eficaces factores de prosperidad y bienestar. (Congregatio pro causis sanctorum P.N.1051, 1988, p.14)

El 29 de junio de 1948, los obispos que se reunieron en Bogotá elaboraron una pastoral colectiva que se dividía en tres partes: el comunismo, la doctrina social de la Iglesia Católica para resolver los problemas sociales dentro del orden de la justicia y los errores del liberalismo como la educación laica, el indiferentismo religioso, la libertad de cultos, el matrimonio civil y el divorcio. (Congregatio pro causis sanctorum P.N.1051, 1988, p. 15)

El Pbro. Carlos Eduardo Mesa Gómez, agrega que los sacerdotes de esta época, “habían padecido en su niñez y en su juventud los desafueros y desacatos del liberalismo y por ellos fueron duros con ese partido”. (Congregatio pro causis sanctorum P.N.1051, 1988, p. 15) Se consideraba que el liberalismo era aliado del comunismo.

Además, en este período histórico, para los blancos era deshonoroso el casamiento con negros y los indígenas se consideraban seres violentos y sin valor. Por lo tanto, de un lado u otro e incluyendo a los partidos políticos del momento, existían los ingredientes necesarios para activar procesos sangrientos en ciudades y campos.

La Madre Laura vivió hasta un año después del “Bogotazo” y pudo darse cuenta de la dolorosa transformación que iba padeciendo su patria. No pudo saber ni sospechar entonces que sus misioneras habían de trabajar, años después, en zonas de guerrilleros, generalmente respetadas por ellos, aunque se dio el caso de que en Inzá-Cauca, en 1965, perecieron dos jóvenes misioneras, asesinadas a tiros, cuando viajaban a su puesto de misión. (Congregatio pro causis sanctorum P.N.1051, 1988, p.23)

La santa, tampoco llegó a conocer el liderazgo del sacerdote católico Nasa. Álvaro Ulcué Chocué (1943-1984), que nació en el resguardo indígena de Pueblo Nuevo en Caldon, Cauca. Uno de los primeros presbíteros indígenas en Colombia, ordenado

en 1973 y quien pudo terminar sus estudios con grandes dificultades económicas. En su formación, recibió el apoyo de las Misioneras de la Madre Laura al adquirir una beca para terminar su educación primaria en el internado Indígena Indocrespo, de Guadarrama (Antioquia) y, posteriormente, media beca para culminar con sus estudios en Teología y Filosofía.

El sacerdote Álvaro Ulcué Chocué, líder social, termina asesinado por su trabajo comunitario entre los indígenas en temas principalmente relacionados con la recuperación de tierras, cambio de mentalidad y promoción de la identidad, la organización política y la autonomía. Asuntos coyunturales que afectan los intereses de los grandes terratenientes.

En estas circunstancias, en las que intervienen diversos actores y en los que se busca un culpable, queda el siguiente cuestionamiento: ¿cómo las emociones del momento pueden contribuir a la estabilidad de la democracia? Para Martha C. Nussbaum, las emociones tienen un efecto en los sistemas políticos y en el caso de la culpabilización mantiene, “con demasiada frecuencia, muy poco de mesurada y un mucho de histérica, inducida por el miedo, reacia a la deliberación calmada”. (Nussbaum, 2019, p. 89)

Y además es vengativa, pues busca que sus destinatarios paguen con la misma moneda el dolor que la persona o el grupo enojado está sufriendo. La ira pública en estos momentos no solo contiene un elemento de protesta ante los agravios –una reacción esta que siempre es sana en democracia cuando la queja está bien fundada-, sino también un ardiente deseo de desquite, como si el sufrimiento de otros pudiera resolver los problemas del grupo propio o de la nación. (Nussbaum, 2019, p. 89)

Sin embargo, Laura Montoya va más allá de las circunstancias políticas de su país y, a ejemplo de su madre María Dolores Upegui, no guarda rencor por la muerte de su padre Juan de la Cruz Montoya. Médico que murió asesinado en la guerra civil de 1876 a 1877. Este conflicto de carácter político-religioso, se dio entre liberales y conservadores. Tampoco guardó venganza por los saqueadores de las tierras de su familia, quedando en manos de los liberales. Pero si le tocó hacer frente a las tensiones, señalamientos y creencias de las personas que seguían los partidos políticos de la época.

En el año de 1896 continúa trabajando en la escuela de Fredonia. Pueblo conservador y de ánimos revolucionarios.

Siendo una mujer católica que hace parte de una cultura muy tradicional, escribe:

En toda la escuela, que era numerosa, no había sino una niña liberal y, en cada recreación, querían maltratarla. Me puse a la defensa de ella y con esto creyeron que yo era liberal. Me lo manifestaron con verdadera furia y sin confesarles mi opinión, les manifesté que solamente era defensora del oprimido y que no veía en ellas color político, sino almas que debía conducir al cielo. Con esto, lloraban de ira, pero se contenían. (Montoya, 2017, p.103)

Cuando Laura decide abrir nuevamente el colegio en Medellín, no se inscribieron las suficientes niñas. “El señor arzobispo había llamado a varios padres de familia y les había dicho que yo era una maestra de ideas liberales y que no pretendía con el colegio sino

propagar las malas ideas”. (Montoya, 2017, p.180)

En la vida de Santa Laura Montoya Upegui, existieron varias calumnias relacionadas con los partidos políticos o las ideas que iban en contra de una línea religiosa tradicional. Para algunos, era adepta de la masonería y para otros, tenía ideas liberales al ser partidaria de una educación laica e independiente de enseñanzas religiosas. Afirmaciones que no tienen razón de ser en cuanto a sus ideales espirituales y que sólo provienen de personas movidas por la ignorancia, la ira, el asco, la culpa, la hipocresía y la envidia. Aunque Laura Montoya, desde la fe, siempre tiene una explicación: “para Dios conducirme a donde me quería, todo torcía”. (Montoya, 2017, p132) En medio de las dificultades, siempre hay un bien mayor.

Varios liberales a quienes no convenía la misión, se opusieron rotundamente a que se fundara en Nutibara, fundados en que aquellas mujeres –las hermanas– eran ruina para el caserío. El verdadero motivo era, sin embargo, el que perderían las oportunidades de explotar a los pobres indios impunemente. (Montoya, 2017, p. 382)

“Todas las sociedades están llenas de emociones” (Nussbaum, 2019, p.13) y Colombia no es la excepción. Tanto para la filósofa como para Santa Laura Montoya, “el dolor y la degradación del opresor no traerá libertad al afligido. Solo un esfuerzo inteligente e imaginativo en pos de la justicia puede lograr algo así”. (Nussbaum, 2019, p. 118)

FUERZAS MOTIVADORAS FRENTE A UNA SOCIEDAD INJUSTA

Teniendo en cuenta los anteriores aspectos y retomando la obra “Historia de las misericordias de Dios en un alma. Autobiografía Santa Laura Montoya”³, se evidencia una búsqueda de sentido vital desde la vulnerabilidad y la conciencia emocional humana. Este proceso es gradual y se inicia desde su infancia.

No conozco otros rasgos de esta primera época de mi vida, o sea de la primera infancia. Mi carácter que despuntaba alegre, se tornó muy pronto en serio, algo triste y antipático. Sin duda el retardo del desarrollo físico, debido a la tos ferina, que me duró seis meses; la amargura de la orfandad que desde antes de cumplir tres años, comencé a sentir las lágrimas constantes de mi madre; la atmósfera de pobreza, rayana en miseria a que quedamos reducidas por el saqueo que siguió a la muerte de mi padre y derrota de las fuerzas conservadoras me marchitaron, arrancando de mi alma de niña las risas y el primer asomo de alegría que comenzaba a despertar fértil y hasta exagerado. La niña burlona se convirtió en mustia y agría. (Montoya, 2017, p.30)

La sensibilidad ante las necesidades de los demás es potenciada por la relación que tiene con Dios desde su espiritualidad personal, la vivencia de situaciones difíciles, la aceptación de su fragilidad ante la imposibilidad de controlar las circunstancias externas,

³ Es la edición más reciente y en la presentación, la editora Nancy López Peña indica que en todas las ediciones que hasta la fecha se han publicado han afectado la estructura de la obra, el contenido, la intencionalidad y estilo. Uno de los objetivos de este libro es presentar una edición fiel al original de la Santa.

la carencia afectiva y la comprensión de su propia historia.

En su crecimiento espiritual, toma la decisión de trabajar con comunidades indígenas. Seres humanos identificados como animales sin alma y cerrados a otras perspectivas por la desconfianza y las injusticias arraigadas en sus vivencias cotidianas. Esta mujer, tocada en su vida personal por la discriminación y la pobreza, siente compasión y opta “por levantarlos y tratar de hacerles ver que tenían derecho a disfrutar de los privilegios de un mundo que les había sido vedado”. (Vergara et al, 2016, P. 9) Pero esta opción por los más desprotegidos no fue inmediata, fácil y repentina.

“¡Sin Dios, aún la niñez es triste! Por eso ahora me matan los pobres infieles. ¡Creo que aunque no se nos prometiera el cielo, el conocimiento de Dios ya nos haría felices, cuanto cabe, acá en la tierra!” (Montoya, 2017, p.37) Laura Montoya, tiene la total certeza en que la felicidad se adquiere por el conocimiento de Dios. Experiencia que es completamente ajena a los infieles. “¡No saben para qué han nacido! ¡No hay miseria como su miseria ni dolor como mi dolor!”. (Montoya, 2017, p.40)

La religiosa opta por los más pobres y enfermos y trata de mirarlos con el corazón del altísimo. “¡Dios mío, cómo te mueven los gemidos del pobre que nosotros oímos con tanta indiferencia!” (Montoya, 2017, p.109) Y comprende fácilmente que los métodos para atraer a los indios, históricamente habían sido inoperantes. La única alternativa era “viviendo la misma vida de ellos y buscándolos por el amor y la ternura maternal”. (Montoya, 2017, p. 228) Pero, ¿cómo lograrlo cuando es impensable que religiosas asuman ese tipo de responsabilidades? ¿Para qué trabajar con seres que son casi como animales sin alma? ¿Por qué no se dedican a fundar colegios como otras comunidades religiosas? Las personas se reían de su proyecto y mostraban actitudes que patentan la emoción del asco en la época: Las señoras salían y las entraban con cortesía, pero “arrojaban a los indios con ademán cruel, cual si fueran perros sarnosos que nos siguieran, y se manifestaban ofendidas porque los consideraban un irrespeto a sus casas y a nuestras personas”. (Montoya, 2017, p. 251) También escuchaban afirmaciones excluyentes: ¿Cómo los sientan a la mesa? No rezaremos por ellos, porque deben estar en el infierno. De hecho, el padre Uribe al ver el ejemplo de la madre Laura, afirma que

Jamás se le hubiera ocurrido hacer nada por los indios, que una vez había sentido pena porque habiendo sido llamado para confesar a un campesino, se acercó a preguntar por la casa a una habitación de indios en donde agonizaba uno; que a la vuelta había visto que lo amortajaban porque ya había muerto y que solo entonces pensó que tenía alma y que quizá hubiera podido hacerle un poco de bien. (Montoya, 2017, p. 250)

Como explica Nussbaum, el ser humano construye mentiras que son generadoras de realidad. “Porque cuando la gente la cree, esa creencia influye en sus decisiones”. (Nussbaum, 2019, p. 210) El asco indica en el hombre ese deseo de ocultar las señales de su propia animalidad como los olores, la descomposición, los fluidos. Además, evoluciona

para convertirse , según la filósofa, en un asco proyectivo que pretende crear una distancia frente a la animalidad. “Ellos son los animales, no nosotros. Ellos son sucios y hediondos; nosotros somos puros y limpios. Y ellos están por debajo de nosotros; nosotros somos sus dominadores”. (Nussbaum, 2019, p. 136)

La emoción del asco no necesita de una mala acción para estimularla. “Está motivada por la angustia que nos causa nuestra propia animalidad y mortalidad...” (Nussbaum, 2019, p. 126) Los indígenas hacen parte de esos grupos que históricamente las sociedades han subordinado.

En cuanto a la misión en Dabeiba, era importante asegurar el modo de vivir allí y podría ser a través de una escuela para niñas. Como ya tenían una docente de niñas que no podían destituir y no necesitaban maestras para niños porque no había, Carlos Cock (1871-1947) gobernador de Antioquia de 1913 a 1914 y de 1930 a 1932, trata a Laura Montoya de ladrona por querer que le asignen una escuela que no tiene niños. Ante esta situación, ella responde:

-Si fuera esta la única lección de robo que ustedes reciben...-les dije-además, miren: el Departamento está obligado a reducir a los indios de Antioquia, no solo por justicia sino por Ley, pues existe una hecha de acuerdo con el antiguo Departamento del Cauca, en virtud de la cual el cauca cede a Antioquia esa faja del Golfo de Urabá que le deja costas en el Atlántico y Antioquia coloniza la región y catequiza los indios. Esa ley tiene años de expedida y no ha podido cumplirla por falta de quien se encargue de los indios. Ahora yo les ofrezco cumplirles o proporcionarles los medios de cumplir ese deber legal. Es, pues, de justicia que Antioquia me proteja, mas como no pueden exponer sumas considerables puesto que se trata de un ensayo y ensayo de mujer, que tiene, naturalmente, menos probabilidad de éxito, no les exijo lo que pueden y deben gastar, pero sí un medicito para sostenernos allá mientras que encontramos los indios y nos pueden dar sueldos como maestras de indígenas. (Montoya, 2017, p. 282)

Los habitantes de Dabeiba “eran tímidos y tan salvajes como los indios” (Montoya, 2017, p. 297) La región se caracterizaba por el hambre, la enfermedad, la ignorancia, el peligro y la maldad de las personas. “Imposible que alcanzaran a comprender nuestra intención. ¡Ni menos a pensar que no solo les llevábamos los bienes espirituales, sino que también les dejaríamos dinero y empujaríamos su rudimentario comercio!” (Montoya, 2017, p. 298) No comprenden la intención de estas mujeres porque para ellos la acción de una mujer es validada sólo a través de su marido.

La población parecía estar acostumbrada a la enfermedad (paludismo, úlceras, diarrea de sangre...) porque ni tan siquiera sabían que existían médicos o cura para la enfermedad. “Las gentes en la calle parecían cadáveres, sin que nadie se preocupara por mejorar aquella situación”. (Montoya, 2017, p. 312) Sólo concebían la idea de recurrir a los brujos y eso si contaban con dinero. Tampoco era muy efectivo recurrir a los representantes de la autoridad. “El gremio de los dirigentes era más miserable, pero se creía una maravilla”. (Montoya, 2017, p. 350) Además, algunos indios “sentían cierta inquina con Dios porque los

había hecho con menos ventaja que a los otros...” (Montoya, 2017, p. 317)

No era posible enseñarles a los Emberá de la forma tradicional por tener diferentes lenguas e intereses. La única forma era padeciendo sus mismas humillaciones.

Nuestra ventaja no está ahora en enseñarlos, sino en pasar el mayor tiempo posible con ellos, oyéndolos aunque sean disparates y mostrándoles que los amamos y que valen para nosotras mucho. Por ello llegamos a excitar alrededor nuestro muchas habladorías. Como los tratábamos como a seres importantísimos, como no les negábamos nada, como no notaban que tuviéramos fastidio por sus pinturas ni por su mugre ni por nada; como los tratábamos como a hijos del alma y, por más que fueran los más malos, encontraban compasión, ternura y remedio en nosotras... (Montoya, 2017, p. 318)

Acciones que promovieron el escándalo en la población.

Los civilizados, por ignorancia, se sorprendían. Para qué tratar como hermanos a “seres peligrosos, asquerosos, ladrones, asesinos, odiosos, maliciosos y cuanto se puede pensar de bajo en la vida...” (Montoya, 2017, p. 318)

Por su parte, los sacerdotes catequizaban con métodos militares. Para ellos era impensable, con las estrategias de la santa, “hacerlos conocer el amor bueno, el filial, el maternal, la compasión, la ternura, etc.” (Montoya, 2017, p. 344) Y, finalmente, los salvajes se extrañaban porque no sabían el origen del cariño recibido, cuando tenían el recuerdo brutal de los tiempos de la Conquista. Siempre habían sido tratados como bestias, sin vida propia o algún tipo de derechos. “Y estas cosas y creencias tenían siglos, durante los cuales habían visto, por experiencia, lo inferior de su condición”. (Montoya, 2017, p. 318)

Por lo tanto, de todo tenían miedo. Eran como niños que se ubicaban en el mundo desde otra óptica y provocaban asco porque

Basta decir que lo que para todos es hermoso es lo feo para ellos, lo agradable, desagradable y hasta en los olores, los absolutamente insoportables para nosotros eran los agradables y buscados entre ellos. ¡Dios mío, qué diferencia!, hasta los sentidos se usaban distinto, pues encontramos que la mayor parte de ellos olían por la boca. (Montoya, 2017, p. 336)

Ante estas diferencias, cambia el orden de las necesidades. Para la misionera una de las prioridades es desarrollar, a través del ejemplo o “lecciones objetivas”, los sentimientos humanos. Desarrollar la compasión, antes de mostrarles las semejanzas con el cristianismo.

No tenían lástima de nada: acostumbrados a la crueldad de las gentes y de las fieras, ellos mismos eran fieros. El anciano se abandonaba porque, aunque sea padre o madre, ya no sirve; el niño se mata si es necio o estorba; los enfermos se abandonan. De modo que la compasión es completamente desconocida. (Montoya, 2017, p. 346)

La Madre Laura deja a un lado el miedo y se empeña en comprender y acercarse a estas personas históricamente discriminadas y vulnerables, estableciendo un equilibrio entre

las leyes humanas y las leyes de Dios. Pues no podemos negar que es una mujer práctica que conoce las leyes de momento, pero que también es fiel a sus propias convicciones religiosas y acepta que “la compasión hace más intenso el amor”. (Montoya, 2017, p. 374) Ese sentimiento que se conjuga en la cercanía, la comprensión y el acompañamiento.

Ellos no eran fieras cuando vino la raza blanca a la América; los volvieron fieras los tratamientos irracionales de muchos ignorantes que no entendían el modo de ser del corazón humano. Los atacaron en la médula del alma, en sus tradiciones y ¿qué querían? Solo Nuestro Señor sabe cambiar los corazones y nos enseñó la manera de hacerlo: por el amor y el sacrificio. (Montoya, 2017, p. 440)

Nussbaum expresa que la compasión es una emoción dolorosa que reacciona a la situación lamentable de otro ser.⁴ La persona compasiva tiene el pensamiento o condición cognitiva de que el sufrimiento del otro es severo, la persona no es la causante de ese sufrimiento y le puede pasar a cualquier ser humano, por su misma vulnerabilidad. Pero para la misionera, la compasión es una virtud en la que se manifiesta solidariamente el amor de Dios. Y aunque se da la indignación por el dolor ajeno, inmediatamente se pasa a la acción para buscar soluciones. Puede partir de una conmoción interior, pero luego pasa a una fe operante, estimulando los vínculos, el crecimiento, la interacción social y la libertad.

CONCLUSIONES

El ser humano, como ser vulnerable, es abordado por una variedad de circunstancias que fácilmente pueden afectar su tranquilidad e influir en el fomento o degradación de las capacidades humanas. Pero, las problemáticas pueden afectar a cada ser humano de manera diferente. Precisamente, por las circunstancias de injusticia que violentan los elementos necesarios para promover una solidaridad comunitaria.

Para la filosofía helenística, la emoción se enlaza directamente con la creencia. Un ser humano, movido por una falsa idea, puede arruinar la vida de los más desprotegidos. En Colombia, y específicamente en la época de Santa Laura Montoya Upegui, pululan esas emociones que tienen su origen en el miedo. Emoción que estimula el enfrentamiento discriminatorio entre diferentes grupos sociales como los supuestamente civilizados, los salvajes, los espiritistas, los católicos, entre otros. Sin embargo, los indígenas son muy afectados por el asco. De ahí el interés de Martha Nussbaum para explicar que estereotipar a las minorías raciales o grupos desfavorecidos, es un modo de sostener la subordinación. Además, es sabido que al notar el desprecio de la sociedad, se experimenta un vuelco subjetivo, ya que la percepción que los demás tienen de nosotros también es parte de nuestra identidad subjetiva.

4 Martha Nussbaum profundiza esta idea en el texto: “Emociones políticas. ¿Por qué el amor es importante para la justicia?”

En ese proceso discriminatorio e injusto, aparece Laura Montoya como mujer que ha padecido en carne propia el rechazo de una sociedad indolente. La madurez que ha adquirido en el trayecto de su vida, le permite salirse de los estereotipos y hacer una lectura diferente de los más vulnerables.

Finalmente, Laura Montoya opta por la compasión para no deshumanizar o despojar a los indígenas de su humanidad. Dentro de sus creencias religiosas, ellos no son bestias y merecen saber y sentir que también son hijos de Dios.

REFERENCIAS

Congregatio pro causis sanctorum P.N.1051. (1988). *Canonizationis Servae Dei Laurae A. S. Catharina Senensi Montoya* (Vol. I). Roma, Italia: Tipografía Guerra s.r.l.

Montoya, U. L. (2017). *Historia de las misericordias de Dios en un alma. Autobiografía Santa Laura Montoya*. (N. L. Peña, Ed.) Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana.

Nussbaum, M. (2019). *Emociones políticas. ¿Por qué el amor es importante para la justicia?* Bogotá: Editorial Planeta Colombiana S.A.

Nussbaum, M. (2019). *Envejecer con sentido. Conversaciones sobre el amor, las arrugas y otros pesares*. Bogotá: Editorial Nomos S.A.

Nussbaum, M. (2019). *La monarquía del miedo*. Bogotá: Planeta.

Vergara Aguirre, A. (2016). *Miradas Múltiples. Estudios sobre la obra de Santa Laura. (Jericó, 1874-Medellín, 1949)*. Medellín: Editorial Universidad Pontificia Bolivariana.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso sexual infantil 117

Adobe 4, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197

Ambientes 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 41, 43, 54, 73, 134, 162, 167

Aprendizaje 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 11, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 123, 125, 134, 135, 136, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 162, 163, 164, 168, 169, 170, 171, 175, 176, 180, 182, 186, 187

Aprendizaje autorregulado 28

Autorrealización 15, 133, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 168

B

Biofouling 73, 78, 79, 80

C

Cambio conceptual 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Ciencias 12, 28, 31, 51, 52, 55, 57, 58, 59, 60, 98, 146, 165, 172, 173, 183, 187

Ciencias humanas 183

Colaboración 3, 6, 22, 25, 38, 84, 142

Compasión 68, 106, 107, 112, 114, 115, 116

Competencias específicas 13

Competencias matemáticas 13, 14

Conocimiento 2, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 26, 27, 28, 30, 32, 34, 52, 53, 54, 56, 58, 74, 88, 91, 99, 112, 117, 121, 123, 124, 134, 135, 158, 164, 169, 171, 173, 176, 182, 183, 203, 212

Covid-19 134, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 160, 161

D

Datos personales 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Discapacidad 1, 3, 7, 12, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71

E

Earth 73, 84, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197

Educación 1, 6, 7, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 28, 29, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 48, 49, 52, 55, 59, 67, 70, 71, 96, 97, 98, 99, 105, 109, 110, 111, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163,

167, 168, 169, 170, 172, 173, 175, 179, 182, 184, 185, 187

Educational quality 147

Empresa 61, 66, 67, 68, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 166

Enseñanza teórico-práctica 173

Estabilidad y ambiente positivo 133

Estrategias 2, 13, 14, 15, 19, 21, 28, 33, 38, 40, 44, 45, 51, 55, 56, 57, 58, 59, 74, 84, 97, 114, 142, 143, 146, 147, 150, 151, 156, 157, 158, 161, 165, 169, 174

Estrategias de evaluación 13

Estudiantes medicina 117

F

Formación docente 172, 179, 180, 185, 186

Formación inicial docente 13, 14, 16, 179, 180, 183, 184, 187

Formación recibida 162, 164, 165, 168

G

Gestión educativa 35, 47

I

Identidad y Cultura 179

Inclusión 1, 2, 5, 6, 7, 11, 12, 61, 62, 63, 64, 68, 69, 70, 71, 108, 134

Informática 1, 5, 6, 7, 9, 28, 33, 172, 213

Ingeniería química 173, 174, 175

Innovación 12, 21, 31, 34, 52, 98, 140, 141, 142, 160

Invasive species 73, 78, 84

Investigación 2, 5, 14, 16, 23, 28, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 74, 77, 98, 99, 101, 106, 129, 133, 136, 137, 143, 146, 147, 148, 149, 154, 167, 171, 172, 173, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 199, 201, 202

Investigación en educación 173

L

Labor docente 133, 186

Learning strategies 147

Liderazgo educativo 35, 36

M

Marine pollution 73

Maritime transport 72, 73

Mitos 117, 118

Modelo suplementario 28, 30, 31, 34

Moodle 28, 29, 31, 33, 34

O

Operaciones unitarias 173, 174, 175, 176, 178

P

Partidos políticos 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 109, 110, 111

Política 11, 47, 48, 62, 63, 64, 69, 70, 86, 88, 89, 94, 102, 108, 110, 119, 121, 122, 124, 127, 129, 130, 151, 152, 156, 157, 158, 185, 186

Políticas de Articulación de la EDJA 119

Práctica 3, 10, 16, 17, 23, 27, 28, 29, 37, 44, 45, 51, 56, 58, 59, 63, 97, 99, 115, 123, 126, 129, 136, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 187, 202, 211

Prácticas curriculares 96, 103, 104

Programa CEBAS 119, 122, 123, 128, 130

Promotores de salud 119

Public policies 146, 147

R

Reclutamiento 61, 62, 66, 67, 68, 69, 70, 100, 101

Relaciones 30, 63, 70, 93, 99, 101, 119, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 144, 165, 167, 169, 175, 182, 183, 185

Renovation 188, 197

S

Satisfacción egresados 162

Sectores de la sociedad 96, 97, 103, 105

Selección 18, 47, 61, 66, 67, 68, 69, 70, 100, 101, 118

Sentimientos 12, 106, 114

Síndrome de Down 1, 2, 3, 4, 6, 11, 12

Sistematización de experiencias 173, 174, 175, 178

Structures 188, 190, 197

T

Técnicas de organización 96, 97, 100, 103, 104, 105

Teorías motivacionales 162, 164

TIC 1, 3, 4, 5, 6, 7, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 157, 158, 171, 172

Tutor virtual 28, 30, 34

U

Universidad de Lleida 117, 118

V

Vinculación 70, 96, 103, 104, 105, 170, 171

Vulnerabilidad 63, 64, 106, 107, 108, 111, 115, 149

Vulnerable population 147

CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

5



CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

5

